

## **Relações do tempo nas cidades, para os alunos dos Cursos de Geografia e História - Palestrante: Antonio Fabiano Junior.**

**Sobre o palestrante:** Arquiteto formado pela PUC-Campinas e mestrando na USP no departamento de Projeto de Arquitetura. Profissionalmente, participou da Sexta Bienal Internacional de Arquitetura, além de ser selecionado para participar da Cow Parade – RJ. Como professor-educador-externo, ministra, desde 2008, o curso “Contatos com a Arte para Educadores” no MAM-SP (Museu de Arte Moderna de São Paulo); como professor convidado ministra aulas na PUC-Campinas, desde 2007, no curso de Arquitetura e participou nos primeiros semestres de 2008 e 2009, pelo PAE (Programa de Aperfeiçoamento de Ensino), como professor estagiário na FAU-USP, na disciplina “Fundamentos de Projeto”. Tem artigos publicados na Revista CPC-USP, Revista Risco da Universidade Federal de São Carlos, Revista Mouseion, site Vitruvius e site monumenta da Espanha.

**Palestra:** “Relações do Tempo nas Cidades”

**Público:** Alunos dos Cursos de Geografia e História

**Justificativa:** Se a palavra AMBIENTE flerta, etimologicamente, com o sentido “de tudo o que vai à volta e o que rodeia determinado ponto”, parece interessante compreender que cidade vivemos hoje, afinal, se antes as cidades eram muradas (e fisicamente isoladas), hoje, com a internet, elas perderam os muros e as divisões.

**Objetivos Gerais:** Apresentar uma metodologia de análise de cidades contemporâneas. Afinal se é reconhecido a sua difícil compreensão, não menos reconhecido, é sua necessidade de entendimento. O discurso flertou com o sentido de desenraizamento. Ela, a cidade, não surge (e não se constitui, não se desenvolve e não se reinventa) à maneira de uma árvore, somente da terra em que se localiza, mas sim EM e DE cruzamentos (no dicionário, *intercepção, travessia*). São estes os lugares que, em primeiro, acontecem os encontros dos que estão passando e em segundo, onde, com mais freqüência, estes encontros efetivamente acontecem e geram frutos. Uma vez surgidas, as cidades multiplicam as oportunidades da ocorrência de novos cruzamentos. E quanto maior a cidade, maior o número de cruzamentos que nela se dão. Assim, uma metrópole testemunha o encontro de pessoas que moram nela, de pessoas que moram longe dela com pessoas que moram nela, de pessoas que moram longe dela com pessoas que também moram longe dela (e em longes, muitas vezes também longes entre si). Encontros entre conhecidos e desconhecidos,

residentes e passageiros, nacionais e estrangeiros, dotados de diferentes traços, jeitos, cores, vestes, acessórios, aparelhos, línguas, costumes, objetos... Assim, a cidade (no dicionário, *povoação de primeira categoria de um país*) resultado de um cruzamento, que propicia o encontro ou, melhor dizendo, o movimento, é resultado de, prioritariamente, gente. E, como formadora de gente, entendê-la é fundamental.

**Metodologia Aplicada:** Num primeiro momento foi traçado, junto com os ouvintes, a iconografia da cidade, ou seja, o reconhecimento do que se entende por ela, para, em seguida, destrinchar assuntos pertinentes e referentes ao ambiente, espaço, costumes, idéias, culturas e anseios que nos circundam. Os tópicos levantados flertaram sobre tais assuntos: reconhecimento (e pertencimento), relações familiares e não-familiares, relações culturais, memórias individuais e coletivas, infra-estrutura formadora do espaço, velocidade (como problema e realidade) e, evidentemente, relações ambientais e reflexões sobre os atos do passado, presente e prospecções do futuro.

*Momentos da Palestra:*

